

AS TRADIÇÕES SULISTAS E A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA NOS CONTOS DE ALICE DUNBAR-NELSON

Profª Drª Tereza Marques de Oliveira Lima
UFF

Como Alice Dunbar-Nelson ainda não é muito conhecida no Brasil, farei um pequeno resumo de sua trajetória enquanto mulher, escritora e ativista política. Nascida em Nova Orleans, na Louisiana, no Sul dos Estados Unidos em 1875, ou seja, no período histórico conhecido como Reconstrução, logo após a Guerra Civil de 1861-1865, seu nome de solteira era Alice Ruth Moore. Filha de um pescador e de uma costureira, sua origem revela que ela era uma *Creole de Cor*, descendente de negro, índio e branco. Após formar-se na Straight College (agora Dillard University) em 1892, ainda trabalhou quatro anos na escola primária antes de ir para o Norte. Continuou seus estudos na Columbia e em Cornell, apresentando uma dissertação de mestrado sobre a poesia de Wordsworth e Byron.

Escreveu poemas, três romances, quatro peças teatrais e um diário que cobre os períodos de 1921 e de 1926-1931. Das cinco coleções de contos que nos deixou, somente duas foram publicadas durante a sua vida: *Violets and other tales* (1895) e *The goodness of St. Rocque and other stories* (1899). Três outras foram reunidas no vol. 3 da obra completa de Alice Dunbar-Nelson organizada por Gloria T. Hull em 1988: *Stories of men and women*, *The annals of 'Steenth street stories* e *Other stories: a miscellany*. Participou também do movimento conhecido como *Harlem Renaissance*.

Além de professora de 2.o e 3.o graus e de escritora, foi também ativista política, escrevendo muitos textos jornalísticos em favor da causa do negro e da mulher negra. Dirigiu o movimento Antilinchamento de Delaware (Delaware Anti-Lynching Crusaders), foi secretária do Comitê de Amigos Americanos da Paz Inter-racial (American Friends Inter-Racial Peace Committee) durante o período de 1928-1931 e participou ativamente da Federação dos Clubes das Mulheres de Cor (Federation of Colored Women's Clubs).

Em 1898 se casou com o já famoso poeta negro Paul Laurence Dunbar que, após ter lido um poema da jovem e bela escritora e ter visto seu retrato num jornal em Boston, começou com ela uma correspondência.¹ Após quatro anos eles se separaram, devido ao temperamento do marido e ao uso que ele fazia de drogas e álcool. Casou-se com um professor colega seu –Henry Arthur Callis–, mas esse também foi um casamento breve. Em 1916 estabeleceu uma união com o jornalista Robert J. Nelson que iria durar até a sua morte em 1935, aos sessenta anos de idade, mesmo tendo se envolvido com mulheres nesse período. Dirigiu com o marido o jornal *Advocate*, que se opunha aos interesses racistas e capitalistas da sociedade da época.

Em maio de 1895, numa carta que ela endereçou a Paul Laurence Dunbar, podemos perceber a diferença entre o poeta – em cuja poesia viam-se o uso do dialeto negro e tipos que já eram conhecidos de todos e que se reportavam à literatura das *plantations* e aos shows de menestréis–, e a jovem escritora sulista de vinte anos que estava apenas começando a sua carreira literária. A carta já evidencia os distintos caminhos que Alice iria percorrer. Diz ela:

*Você quer saber da minha opinião sobre o dialeto negro na literatura? Bem, francamente, eu acredito que cada um deve seguir a sua própria inclinação. Quando acontece uma pessoa ter aptidão para trabalhar com o dialeto, então ela está no direito de ter esse uso como sua especialidade. Mas se a pessoa não possui tal habilidade, como é o meu caso, não vejo a necessidade de se preparar para isso e se meter nisso à força porque se é Negro ou Sulista.*²

Numa carta endereçada por ele a ela, fica patente a influência que George Washington Cable exercia nesse final de século no panorama literário sulista, do qual também fazia parte o escritor negro Charles Chesnutt, todos participando do período literário conhecido como *local color*. Conforme a carta infere, a então Alice Ruth Moore compartilhava o seu despreço à obra de Cable, assim como uma outra escritora da Louisiana de então, Grace King, que

¹ BRYAN, Violet Harrington. *The myth of New Orleans in literature: dialogues of race and gender*. Knoxville: The University of Tennessee Press, 1993. p. 68.

² GATES JR., Henry Louis e Nellie Y., MCKAY, (orgs.). *The Norton anthology of African American literature*. New York, London: W.W. Norton & Company, 1997, p. 915. Minha tradução.

inclusive, declarou que iria, com seus textos, apresentar uma outra visão da sociedade *Creole*. No trecho da carta reproduzido abaixo, vemos que Paul Laurence Dunbar convida Alice a dar a sua contribuição à literatura sulista de então, mas seguindo os passos de Cable. Escreve ele:

*Sua determinação em contestar Cable por seus méritos é louvável. Por que você não poderia contar essas lindas histórias Creoles como ele o fez? Você tem a força, o fogo e o toque artístico que é tão delicado e contudo tão forte.*³

Que caminhos iria Alice Ruth Moore percorrer até vir a ser Alice Dunbar-Nelson? Dissemos anteriormente que ela nasceu em 1875, participando, assim, do período histórico conhecido como Reconstrução. Tão ou mais importante foi o fato de ter nascido no Sul dos Estados Unidos, no estado da Louisiana, como mostraremos a seguir.

O Sul dos Estados Unidos ocupa um lugar importante no imaginário norte-americano enquanto um espaço marcado por paradoxos e exclusões que foram construídos ao longo do tempo. Além de abranger os estados da Geórgia, Alabama, Mississippi e Louisiana, que, juntos, formam o *Deep South*, engloba, também, os da Virginia, Carolina do Norte, Carolina do Sul, Florida, Texas, Tennessee e Kentucky. Região cultural distinta do Norte, suas diferenças foram estabelecidas a partir das diferenças no sistema de trabalho (escravidão) e na organização agrícola (a *plantation*).

Aos poucos, o Sul começou a rejeitar as atividades industriais e comerciais, vendo nelas uma ameaça ao homem sulista rural e ao sistema social criado a partir do sistema escravocrata. Como resultado desse processo, foi se isolando do resto dos Estados Unidos e sua diferença fez com que viesse a ser considerado como o espaço do Outro. Em relação à Louisiana, essa diferença se faz mais nítida: seus legados culturais apontam para a influência francesa, caribenha, africana, espanhola e indígena. As levadas de imigrantes que vieram do Canadá (Quebec e Nova Scotia), Alemanha, Irlanda, Ilhas Canárias, Itália, Grécia, Haiti e

³ HULL, Akasha (Gloria). "Alice-Dunbar Nelson (1875-1935)". No site <http://www.college.hmco.com/english/heath/syllabusil/iguide/dunbar.html>

Cuba criaram uma sociedade multicultural que se apresenta como única, à medida que aí se processou a "creolização", síntese de várias culturas e de casamentos com membros de diferentes grupos étnicos. Fundada em 1699 pelos franceses, Napoleão vendeu o território ao presidente Thomas Jefferson em 1803. A influência francesa ainda hoje se faz presente não só nas festas católicas, como também no uso do código civil de Napoleão e na culinária.

Como bem nos mostra Violet Harrington Bryan em seu *The myth of New Orleans in literature: dialogues of race and gender*, a Louisiana ocupa um lugar de destaque no que concerne o espaço ocupado pelos negros na sua sociedade: enquanto nos outros estados as leis Jim Crow impediam o negro de ler, escrever e possuir propriedades, a Louisiana, com seus *Creoles de Cor*, havia construído um novo modelo social. A partir de 1724, o Código Negro (*Code Noir*) regulamentava os seus direitos enquanto "quase-cidadãos" (*quasi-citizens*). Podiam ter escravos, possuir propriedades, mas não podiam votar, nem casar com pessoas da raça branca. Unidos por traços culturais, eram separados por uma hierarquia política e social, com base em distinções de classe e casta.⁴

Foi essa configuração que levou Alexis de Tocqueville a dizer em 1840 que havia nos Estados Unidos um lugar onde existia uma terceira raça, diferente da negra e da branca; um lugar em que as raças da Europa e as do negro eram tão misturadas que era muito raro encontrar-se alguém que fosse totalmente negro ou totalmente branco.⁵ É, pois, na Louisiana que a miscigenação, tão temida pelos norte-americanos sulistas, se revela em todos os matizes e em cada gota de sangue negro, que afasta as pessoas umas das outras, ao enquadrá-las nas denominações de *mulatto* (filho de branco com negro), *quadroon* (filho de branco com *mulatto*), *octoroon* (filho de branco com *quadroon*) e *griffe* (filho de *mulatto* com negro). Para facilitar, usava-se o termo *mulatto* para designar todas essas pessoas. Nos documentos

⁴ BRYAN, Violet Harrington. *The myth of New Orleans in literature: dialogues of race and gender*. Knoxville: The University of Tennessee Press, 1993. p.5.

⁵ TOCQUEVILLE, Alexis. Apud BRYAN, Violet Harrington. *The myth of New Orleans in literature: dialogues of race and gender*. Knoxville: The University of Tennessee Press, 1993. p.3.

oficiais, era necessário declarar a designação que indicava o nível de sangue negro das partes envolvidas ⁶. Tinham que incluir a abreviação em francês *h.c.l.* ou *f.c.l.* [*homme de couleur libre* e *femme de couleur libre*], ou seus equivalentes em inglês: *f.m.c.* ou *f.w.c.* [*free man of colour* e *free woman of colour*].

Segundo Carl A. Brasseau, Keith P. Fontenot e Claude F. Oubre em *Creoles of color in the bayou country*, há muita confusão no que concerne a interpretação do que seja *Creole*. Lembram que *creole*, com letra minúscula inicial, tanto pode significar a língua híbrida formada de elementos lingüísticos do francês e da África Ocidental, quanto a pessoa que fala esse idioma. Os falantes *Creoles* podem pertencer a vários *backgrounds* étnicos e raciais. Contudo, muitos indivíduos brancos e negros que se identificam como *Creoles* falam na verdade o *Cajun French* e não o *creole*. Diferentemente dos falantes *Creoles* do *Cajun French* -que têm como antepassados pessoas livres de cor-, os falantes negros e brancos que falam o *creole* são descendentes de escravos (no caso dos negros) e de donos de escravos (no caso dos brancos) que aprenderam a língua com seus escravos. Para o historiador que se apóia nos documentos legais da época, o termo designa o mesmo que designava no começo do século XVIII na Louisiana: de origem local. *Creole*, então, designava as crianças negras ou brancas nascidas na colônia que se distinguiam, assim, dos colonizadores europeus e africanos.⁷

Primeiramente considerados inferiores em relação aos brancos do resto do continente, os *Creoles* brancos, assim que passam a ganhar uma melhor posição econômica, se consideram como parte da aristocracia branca da Louisiana. O termo *Creole* usado para os negros parou de ser usado após a compra do território pelos Estados Unidos, já que o Congresso americano havia proibido o tráfico de escravos. Após a Guerra Civil de 1861-

⁶ BROWN, Dorothy H. e EWELL, Barbara C. (orgs.). *Louisiana women writers: new essays and a comprehensive bibliography*. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1992. p. 11.

⁷ BRASSEAU, Carl A., FONTENOT, Keith P. e OUBRE, Claude F. *Creoles of color in the bayou country*. Jackson: University Press of Mississippi, 1994, p. XI.

1865, o termo voltou a ser usado para diferenciar o negro livre do negro emancipado ao término da guerra. A partir daí, os *Creoles* brancos começaram a deixar para trás a sua origem étnica, deixando que *Creole* passasse a somente descrever os negros e os indivíduos em cuja ascendência havia ocorrido a miscigenação.

É nesse contexto que nasce Alice Dunbar-Nelson. A diversidade que marca a Louisiana é um dos traços principais encontrados em seus textos: diversidade de gêneros literários, diversidade de temas e diversidade nas origens étnicas de suas personagens. Sua obra revela que ela enfrentou seus limites de raça e de gênero, abordando o tabu do desejo e da sexualidade, bem como os temas de opressão e intolerância, que, ou eram considerados perigosos nesse final do século XIX, ou eram totalmente ignorados.

Fugindo aos caminhos já trilhados por Paul Laurence Dunbar e Charles Chesnutt, Alice Dunbar-Nelson burlou as expectativas tanto do mercado editorial e de seus pares ao criar uma literatura em que não apresentava a questão do negro e na qual não utilizava o dialeto negro. Tanto em *Violets and other tales* (1895) e *The goodness of St. Rocque and other stories* (1899), Dunbar-Nelson nos ofereceu belas histórias protagonizadas pelo *Creoles*, se inserindo, desta forma, na literatura de cor-local, que, embora popular, era considerada "menor". Contudo, quando se adentra o universo ficcional dessas histórias, vê-se um segundo nível de leitura, no qual surge uma intrincada tessitura com os temas da tristeza, perda, morte e opressão, temas esses que apontam o tema maior: a diferença.⁸

Escolhi a história "The stones of the village" para mostrar um outro caminho seguido por Alice Dunbar-Nelson: o estudo do preconceito e do racismo em histórias que apresentam os *Creoles de Cor*, aqueles que possuem uma ascendência negra. Alice aborda esse tema referendada por sua própria experiência enquanto uma mulher *Creole de Cor*, uma bela mulher que possuía pele clara e macios cabelos avermelhados, complexão essa que lhe

⁸ NELSON, Alice Dunbar. *The works of Alice Dunbar-Nelson*. Organização e notas de Gloria Hull. New York, Oxford: Oxford University Press, 1988. Vol 3. p. XXXII.

permitiu muitas vezes fazer se passar por branca e ter acesso a lugares e empregos proibidos a negros, ação conhecida como *color line* ou *passing*. Esta história faz parte do volume *Stories of men and women*, provavelmente escrito entre 1900 e 1910. Sabemos, contudo, que ela foi escrita em 1900, pois é em 22 de agosto de 1900 que Dunbar-Nelson recebe uma carta dizendo que ela havia sido rejeitada pelo *The Atlantic Monthly*, sob a alegação de que o público da época não estava preparado para ela. A história nunca foi publicada até 1988 quando Gloria T. Hull organizou a obra completa da escritora.

No ensaio "Brass ankles speaks" a narradora denuncia o preconceito dos negros de pele escura em relação aos de pele clara. O ensaio é escrito a partir do *locus* de um "brass ankles"—a própria Alice Dunbar-Nelson— uma pessoa que é suficientemente branca, mas que possui, além da ascendência negra, o amor pela raça negra. Nesse ensaio escrito por volta de 1929 sob pseudônimo e jamais publicado até 1988 quando passa a integrar a edição das obras completas organizada por Gloria T. Hull, a narradora revela a sua infância no Sul onde as outras crianças não gostavam dela por ela ser uma negra de pele clara e cabelo macio e ondulado. Revela que ao se mudar para o Norte, essa situação continuou a mesma, fazendo com que as pessoas de pele clara formassem um grupo em face da discriminação por parte dos outros membros de sua raça.⁹

No conto "The stones of the village" Alice não usa como personagem principal uma mulher, mas sim um homem, Victor Grabért, que luta com a sua identidade de *Creole de Cor* desde a infância pobre numa pequena cidadezinha sulista na qual os outros meninos lhe atiravam pedras por ele ser um negro de pele clara.

Grabért se lembra do sentimento de tristeza e de não pertencimento. Nunca fora aceito junto aos garotos negros e nem junto aos brancos:

⁹ NELSON, Alice Dunbar. "The brass ankles speaks". No site http://www.english.uiuc.edu/maps/poets/a_f/dunbar-nelson/essays.htm

Tinha sido somente solidão desde sempre. Pois os pais dos meninos negros e dos amarelos ficaram ressentidos com o insulto que Grandmère havia proferido contra sua prole e veementemente proibiram que eles se relacionassem com Victor. Então quando ele andava com passos incertos à procura de outros meninos cujas faces eram brancas como a sua, eles o afastavam com vaías zombeteiras, chamando-o: "Negrinho! Negrinho". E novamente ele não conseguia entender nada .¹⁰

Quando mais tarde sua avó proibiu que ele usasse o *patois Creole* e ele começou a falar uma língua confusa que ninguém entendia, o problema foíse agravando e todos os meninos, brancos, negros, e amarelos (os *yaller niggers*) zombavam dele e o chamavam de Negrinho Branco, *White Nigger*. Sua avó percebeu que ele deveria deixar a cidadezinha e tentar a vida na cidade grande: ir para Nova Orleans e se tornar um homem, o que pode ser lido como criar uma nova identidade. Lá, ajudado por uma amiga da avó de nome Mme. Guichard, Victor Grabért vai, aos poucos, trabalhando com afinco e se firmando na sociedade local, deixando para trás a sua origem de *Creole de Cor*.

Ao saber que seu patrão lhe deixara uma quantia que lhe permitiria cursar a faculdade de Tulane, a sua primeira reação é revelar a sua origem ao advogado e aceitar ocupar o espaço do excluído:

"A Faculdade de Tulane!" gritou Vitor. "Por que - por que - por que-". Então ele parou subitamente e o sangue quente lhe subiu à face. Lançou um olhar furtivo pelo quarto. Mme. Guichard não estava ali; o advogado nunca vira ninguém de sua família. Então por que deveria contar a ele? Seu coração deu um pulo selvagem quando teve esse pensamento. Bem, Grandmère teria gostado que ele entrasse na faculdade (p. 9).

A trajetória de Victor é uma trajetória de sucesso, como o seu próprio nome aponta: casa com uma bela e rica jovem da sociedade local, se torna um advogado famoso e um juiz brilhante. Ao longo de sua vida, contudo, o medo de que descobrissem a sua origem sempre o

¹⁰ NELSON, Alice Dunbar. "The stones of the village". IN: *The works of Alice Dunbar-Nelson*. Organização e notas de Gloria Hull. New York, Oxford: Oxford University Press, 1988. Vol 3. p.5. Minha tradução. Nas referências subseqüentes somente indicarei após a citação de trechos desse conto a página na qual ela se encontra.

acompanhou, sempre o perturbou. Seu medo de se mostrar favorável aos *Creoles de Cor* era tanto que passou a abominar tudo que dizia respeito ao negro e a seus direitos. Um dia, porém, sua identidade foi descoberta por um advogado chamado Pavageau, sobrinho da falecida Mme. Guichard, que, entretanto mantém o seu segredo. Victor Grabért morre no dia em que a ele foi oferecido um banquete em que seus laços políticos seriam de fundamental importância para a sua candidatura a um cargo elevado. Morre num ataque apoplético, pensando em como desprezava a todos e gritando, em sua mente, que era um negro. Quando seus pares lhe acodem trazendo água e tentando acalmá-lo, ele só vê neles os meninos do seu passado, os mesmos e sempre meninos que o rejeitaram quando ele queria simplesmente brincar com eles e se sentir parte de um grupo.

São histórias como essa que evidenciam os inovadores caminhos percorridos por Alice Dunbar-Nelson nesse final do século XIX, num momento em que a literatura africana-americana estava ainda começando a florescer. Ao falar de temas como a diferença e a discriminação, ela abriu caminhos para os autores que vieram depois dela, deixando para nós textos que, além de serem importantes para a historiografia literária norte-americana, são também valiosos documentos culturais a retratar a angústia e os anseios dos *Creoles de Cor* na sua busca de identidade nesse final do século XIX na Louisiana.